

O QUE PEDEM OS PRODUTORES

Uma maior organização, mais infraestruturas para apoio à produção biológica, mais canais de comercialização e a disponibilização de terrenos abandonados para incremento de área de produção biológica, são algumas das propostas lançadas pelo sector.

Ana Gomes Oliveira

Disponibilização de terras municipais para incremento da produção em modo biológico, uma maior organização do sector, saber comunicar e chegar a mais consumidores foram algumas das questões levantadas pelo tecido produtivo no âmbito do debate participativo sobre desafios e propostas para a agricultura biológica no território, que decorreu em Loures, numa organização da Câmara Municipal.

Um a um, os produtores presentes na sessão, elencaram uma série de desafios que gostariam de ver resolvidos e, em grupo, desenvolveram os temas, apresentando, no final, as suas conclusões e propostas para a solução das dificuldades levantadas.

Um dos temas em análise prende-se com a necessidade de disponibilização de terrenos municipais para incremento da produção. Neste ponto, a porta-voz do grupo de discussão, a produtora Ana Lay, começou por dizer que, de facto, há falta de terras para expandir área. Em primeiro lugar, defendem que deve ser feito um levantamento das terras abandonadas, com caracterização dos solos e disponibilidade hídrica e a partir daí, olhando para as que apresentam potencial produtivo, elaborar regulamentação que balize a sua utilização para fins agrícolas em modo biológico.

A falta de organização no sector é um factor que também condiciona o sucesso da comercialização e da logística de distribuição. Esta foi uma das conclusões de um dos grupos de trabalho que defende igualmente uma base de dados que sirva como ponto de partida para eventuais medidas implementadas. «Seria importante percebermos quem está a produzir, o quê, como estão a operar e que cooperativas e associações já existem», referiu Rita Valério, da Oikos. Segundo os participantes, os produtores têm alguma dificuldade na concen-

tração da oferta, «uma vez que muitos se vêem mais como concorrentes do que como parceiros». Na área da distribuição e logística o esforço individual é grande e lida com falta de infraestruturas, nomeadamente de frio. «Temos sempre o problema dos nossos produtos não poderem ser conservados junto dos convencionais.»

A promoção do consumo foi uma necessidade apontada, sendo sugerido uma maior aproximação às escolas, a recuperação do mercado local de produtos biológicos e uma parceria com o Food Market que vai funcionar no Mercado Abastecedor da Região de Lisboa (MARL). «Paralelamente, deve ser trabalhada a questão do marketing e da promoção, procurando conhecer melhor o consumidor final, em particular, o que este procura e como pode ser cativado.»

Presente na sala, Felisbela Esteves, do MARL, referiu haver espaço livre no mercado para receber os produtos bio, bastando para isso que os produtores informem quantos são e que produtos pretendem ali armazenar. A mesma responsável sugeriu ainda que o projecto parceiro 5 Ao Dia – que promove o consumo diário de, pelo menos, cinco porções de frutas e legumes – possa incluir algumas acções direccionadas para a agricultura biológica junto das escolas.

Já um terceiro grupo de trabalho enumerou o problema dos custos de certificação, da falta de assistência técnica e, na área da comercialização, falta de espaços próprios para produtos bio, bem como os horários desajustados dos mercados locais. Quanto aos apoios, os produtores pedem uma ajuda efectiva no que diz respeito à actual burocracia para fazer a conversão de convencional para bio, apoio para a limpeza de terrenos e uma campanha de «desmistificação do estigma do preço dos alimentos biológicos». ●